

nosso mentor espiritual nos acordava do extase, a nos bater levemente nos ombros, chamando-nos ao regresso

Em todos os lugares, há os que mandam e vivem os que obedecem. Na categoria dos últimos, voltamos às esferas espirituais da Terra, como o homem ignorante que fizesse um vôo, sem escalas, através do mundo, confundido e deslumbrado, embora não lhe seja possível definir o mais leve traço de seu espantoso caminho. — *Humberto de Campos.*

(Recebida pelo medium Francisco Candido Xavier, em 25 de julho de 1939.)



A Agrippino Grieco

Depois da grande batalha de Tsushima (1), um dos grandes generais japonezes concitava os mortos a se levantarem, de modo a sustentar as energias exauridas dos camaradas agonizantes. E eu compareço aqui, como uma sombra, para dizer ao formoso coração de Agrippino Grieco que me encontro de pé. E' verdade que, depois de longa ausencia, não nos encontramos nas nossas tertúlias literárias do Rio de Janeiro. Nem nos achamos num local tão famoso como a Acropole (2),

(1) — TSUSHIMA é um arquipélago japonês, na entrada meridional do mar do Japão, entre a Coréa e o Japão. Foi nessas aguas que, em 1905, o almirante Togo infligiu irremediavel derrota á esquadra da Russia, que estava em guerra com os niponicos. Foi o resultado dessa batalha naval que decidiu do término da luta.

(2) — ACRÓPOLE, cidadela da antiga Atenas, na Grecia, situada sôbre um rochedo de 45 metros de altura, aproximadamente. Aí havia templos, monumentos, notadamente o Partenon, a Pinacoteca, etc.

onde a deusa de Athenas distribuía as suas bênçãos entre os sabios. Mas ha em nossas almas essa doce alegria de velhos irmãos que se reconhecem, pelas afinidades santificantes do Espírito.

E' certo que os seus olhos mortaes não me vêem. Todavia eu recorro ainda aos simbolos mitológicos para justificar a minha presença, nesta casa de simplicidade e de amor cristão. Supô-nhamos que me encontro por detraz do veu de Isis, como as fôrças que se occultam aos olhos dos homens, no famoso santuário de Delfos (1).

Agora, meu amigo, as fronteiras do sepulcro nos separam. Para falar-te, sou compelido a me utilizar da faculdade de outros, como se empregasse uma nova modalidade de aparelho radiofônico. Teus olhos deslumbrados me procuram, anciosamente, porém, nem mesmo a letra me pôde identificar para o teu Espírito, habituado ás supremas investigações de nossas fôrças literarias do ambiente contemporaneo. Mas nós nos entendemos no âmago do coração, compreendendo-nos mutuamente, através das mais puras afinidades espirituais. A sombra do sepulcro não

(1) — DELFOS, antiga cidade da Grecia, então tida por sagrada e por ser o centro da Terra. Seu templo e seu oráculo tornaram-na célebre, e todos os gregos, além de príncipes estrangeiros mandavam ricas dádivas e collocavam seus bens sob a proteção de Apolo (deus mitológico, filho de Júpiter) em nome de quem o oráculo fazia suas famosas profecias.

Os tesouros ali acumulados acenderam temíveis cobiças, e por ocasião de uma guerra foram fundamente pilhados.

podia obscurecer a minha admiração, que se manifesta, agora, com uma intensidade ainda maior, sabendo que despiste a toga de Nicodemus (1), para devassar a verdade no beiral do meu tumulto.

Compreendo a elevação do teu gesto e louvo as tuas atitudes desassombradas. Um mundo de novas observações aflora-me ao pensamento para entregar ao teu coração nesta noite, de sagrada memória para a minha vida de homem desincarnado, porém, dificuldades inúmeras impedem a realização de meus modestos desejos.

Não desejo reviver o acervo de minhas velhas recordações, cheias de lágrimas muito amargas; todavia, se não represento mais a figura de Tiresias (2), dando palpites ao mundo, do seio de sombras da sua noite, desejaria trazer-te o complexo de minhas emoções novas e de meus novos conhecimentos.

(1) — NICODEMOS — fariseu, membro do tribunal supremo que decidia em última instância, no tempo de Jesus Cristo.

Tocado pelas doutrinas do meigo Nazareno, Nicodemos, para dirimir as dúvidas do seu espírito, procurou Jesus, mas á noite, meio a escondidas, temeroso do juizo dos seus pares.

Mais tarde, quando os principais sacerdotes pretenderam decidir sumariamente sobre a pregação de Jesus, Nicodemos tomou a defesa, perguntando-lhes: Porventura julga a nossa lei a algum, sem primeiro ouvi-lo e saber o que êle faz? (João, cap. VII, 51).

E ainda depois da crucificação, Nicodemos, juntamente com José de Arimatéia, levou cem libras de mirra e áloes para embalsamar o corpo do Cristo (João, cap. XIX, 38-40).

(2) — TIRÉSÍAS — Adivinho de Tébas, Egipto, célebre pelas profecias que fez no seu tempo. Deixou livros sobre adivinhações e áugures, e uma filha, Manto, tambem profetisa.

Não te posso, todavia, fornecer os elementos mais essenciais de meu novo mundo impressivo porquanto a Terra tem as suas côres definidas, nos diversos setores de suas atividades e as imagens literárias não poderiam corresponder às minhas necessidades novas.

Também, a mudança integral das perspectivas não me faria redizer o passado, com os seus enganos, com referencia aos centros envenenados de nossa cultura. O plano espiritual está cheio de incognitas poderosas. Aqui nós vivemos numa expressão mais forte do problema do sêr e do destino. Não aportamos do outro lado, do Acheronte, tão sómente para devassar o mistério das sombras. Chegamos no além túmulo com um dever mais profundo e mais essencial — o de conhecermos a nós mesmos, segundo o grande apelo de Alexis Carrel numa de suas ultimas experiências científicas (1). Surpresas numerosas assaltam a nossa imaginação, mas os aspectos exteriores da Vida não se modificam de modo absoluto. A incognita de nossa própria alma para o desencarnado, é talvez a mais complexa e mais profunda. Aí no mundo, costumamos entronisar a razão como se tão sómente por ela subsistissem todas as leis de progresso. Entretanto, sem a luz da fé, a nossa razão é sempre falível. Reconhecemos a

(1) — O homem, êsse desconhecido (livro já traduzido em português).

propriedade desse asserto quando observamos a caminhada sinistra dos povos para a ruína e para a destruição.

Se os valores raciais trouxessem consigo a prioridade da evolução, não teríamos tantas teorias de paz e de concórdia espesinhadas pela incultura e pela violência, pelos princípios dos mais fortes, como se os homens desta geração houvessem sorvido no berço um vinho diabólico e sinistro.

A razão do homem, em si mesma, fez o direito convencional, mas fez igualmente o canhão e o prostíbulo. E, sem a fé, sem a compreensão de sua própria alma, estranho às suas realidades profundas, o homem caminha, às tontas, endeusando todas as energias destruidoras da alegria e da vida.

Um espetáculo imponente apresenta a sociedade moderna, com a sua época de miséria e de deslumbramento. O homem da atualidade é um hifen desesperado entre duas éras extraordinárias. De cá, assistimos a esse esboroar do mundo velho, para que o novo organismo do orbe surja na plenitude das suas fôrças restauradoras. E eu não poderia te falar de um livro de Sainte Beuve ou de apontamentos da história nesse ou naquele setor. Falar-te-ia muito; todavia, a nossa palavra singela de humilde jornalista desencarnado teria de rodopiar, em torno de problemas demasiadamente complexos, para um ligeiro encon-

tro de amigos, dentro da noite.

Eu sei que não poderás aceitar as teses espiritistas de um jacto, como se o teu coração fosse tocado de um banho milagroso. Lutarás contigo mesmo e submeterás tudo o que os teus olhos vêem, ao cadinho de tuas análises rigorosas, mas sentir-me-ei resignado e feliz se puder alimentar a dúvida no íntimo de teu coração. A dúvida, como já o disse alguém no mundo, é o túmulo da certeza.

A hora vae adiantada e se não tenho mais o relógio do estômago que me fazia enfrentar nas avenidas a poeira impiedosa dos automoveis felizes, tenho de subordinar as minhas atividades a certas injunções de ordem espiritual, a que não posso fugir.

Não rubriques o papel de que não tenho necessidade para te falar mais demoradamente ao coração.

Guarda o meu pensamento que, se vem do mundo das sombras, parte também do mundo da minha estima fraternal e de minha admiração.

Que o teu barco seja conduzido a melhores portos no domínio da cultura espiritual, de modo a valorizares, ainda mais, os teus valores intelectivos, são os votos de um irmão das letras, que, apesar de "morto" para o mundo, faz questão de viver com a lembrança de teu pensamento e de tua afeição. — HUMBERTO DE CAMPOS.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 30 de Julho de 1939, na sede da União Mineira, em Belo Horizonte, Minas Gerais).

*
* *
*

Eis as primeiras impressões dadas á reportagem, que imediatamente pediu opinião a Agrippino Grieco:

Ao *Diário da Tarde*, de 31 de Julho:

— O "médium" Francisco Xavier escreveu isto ao meu lado, celeremente, em papel rubricado por mim. A atenção que lhe dei e a leitura que fiz em voz alta dos trabalhos por êle apresentados com as assinaturas de Augusto dos Anjos e Humberto de Campos, não importam em nenhuma espécie de adesão ao crêdo espírita, como fiz questão de esclarecer naquele momento. Sempre fui movido por sentimentos de catolicidade, graças á educação recebida na infancia, mesmo sem ir a extremos de clericalismo radical. O meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" aí está a testemunhar quanto me merecem os grandes autores da Igreja. Mas o certo é que, como crítico literário, não pude deixar de impressionar-me com o que realmente existe do pensamento e da fôrma daqueles dois autores patrícios, nos versos de um, e na prosa de outro. Se é mistificação, parece-me muito bem conduzida. Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller, julgo ser difícil (isso o digo com a maior lealdade) levar tão longe a técnica

do “pastiche”. De qualquer modo, o assunto exige estudos mais detalhados, a que não me posso dar agora, nesta visita um tanto apressada á formosa terra de Minas”.

Ao *Diario Mercantil*, de 5 de Agosto:

— “O assunto é complexo, requer uma série grande de coeficientes de ordem religiosa, intelectual, literaria, etc., sob a ação dos quaes deve ser analisado; mas, assim mesmo, nunca deixa de ser interessante.

Tive, já, ocasião de externar a minha maneira de encaral-o ao me entrevistar com um representante dos “Diarios Associados”, na capital do Estado, quando disse textualmente o que o “Diario Mercantil”, em serviço telefónico, divulgou em edição do dia 2 do corrente.

Assim, nada tenho mais a acrescentar senão repetir algumas palavras sôbre a profunda emoção que me assaltou ao lêr as referências da mensagem de Chico Xavier feitas a mim e atribuidas a Humberto de Campos.

Intimos, num contacto cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amisade intensa e mútua. Agora, anos após sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as idéias e o estilo, e da maneira extraordinária por que o foi.

Com isso, não afirmo coisa alguma. Apenas transmito minha primeira impressão, que continua a mesma. Não discuto o modo por que foi obtido o original subscrito por Humberto. Imitação? “Pastiche”? Mistificação? Não nos reportemos apenas a isso. O que não me deixou dúvidas, sob o ponto de vista literário, foi a constatação facil da linguagem inconfundível de Humberto na página que li. Como crítico, se, sem que eu conhecesse sua procedência, m’a houvessem apresentado, te-la-ia atribuido ao autor de “Sombras que sofrem”, “Crônicas”, “Memorias”, e outras inúmeras preciosidades das nossas letras contemporaneas”.

Posteriormente, já de regresso ao Rio de Janeiro, Agrippino Grieco deu ao *Diário da Noite*, em 21 de Setembro, a seguinte entrevista:

— “Pouco tenho a acrescentar ao que os “Diários Associados” divulgaram, aliás numa reportagem brilhante e variada, sôbre o meu encontro póstumo com a literatura de Humberto de Campos.

Estava eu em Belo Horizonte e, por méro acidente, acabei indo assistir a uma sessão espírita. Ali, falaram em levar-me á estação de Pedro Leopoldo para vêr trabalhar o médium Chico Xavier. Mas, já havendo tantas complicações no plano terrestre, quiz furtar-me a outras tantas do plano astral, e lá não fui. Resultado: Chico Xavier resolveu vir a Belo Horizonte.

O CRÍTICO INSPECCIONA O "MÉDIUM"

E, prosegue:

— "Na noite marcada para o nosso encontro, fui, em vez de ir ao sítio apazado, jantar tranquilamente num restaurante onde não costumava fazer refeições e onde não sei como conseguiram descobrir-me. Mas o caso é que me descobriram junto a um frango com ervilhas e me conduziram á agremiação onde havia profitentes e curiosos reunidos em minha intenção.

Salão repleto; uma das grandes noites do kardecismo local... Aboletei-me á mesa da ditoria, junto ao Chico, que não me deu, assim inspeccionado sumariamente, a impressão de nenhuma intelligência fóra do comum. Um mestiço magro, meão de altura, com os cabelos bastante crespos e uma ligeira mancha esbranquiçada num dos olhos.

ESCREVEU COM UMA CELERIDADE

ESPANTOSA !

A seguir, o sr. Grieco descreve, sem esconder a grande impressão que o domina ainda, o fenómeno que presenciou:

Nistó, o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte folhas de papel, destinadas á escrita do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição de texto. Rubri-

quei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lapis com uma agilidade que não teria o mais desenvolto dos rasistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. A' proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixára o lapis do Chico.

Primeiro, um soneto atribuido a Augusto dos Anjos. A seguir, percebi que estavam em jogo, bem patentes, a linguagem e o meneio de idéias peculiares a Humberto de Campos. Dirão tratar-se de um "á la manière de", como os de Paul Reboux e Charles Muller.

FIQUEI ATURDIDO !

Por fim, apreciando o texto das communicações, diz, concluindo:

— Será uma interpretação digna de respeito. Quanto a mim, não podendo aceitar sem maior exame a certeza de um "pastiche", de uma parodia tive, como crítico literário que ha trinta anos estuda a mecânica dos estilos, a sensação instantanea de percorrer um manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso.

Eram em tudo os processos de Humberto de Campos, a sua amenidade, a sua vontade de parecer austero, o seu tom entre ligeiro e conselheiral. Allusões á Grécia e ao Egipto, á Acropole, a Tirésias, ao véu de Isis muito ao agrado do

autor dos "Carvalhos e Roseiras". Uma referência a Sainte-Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre de gosto e clareza que Humberto não se cansava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a lêr a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: "É Humberto puro!".

Fiquei naturalmente aturdido... Depois disso, já muitos dias decorreram e não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir. Além do mais, recebi educação católica e sou um entusiasta dos gênios e heróis que tanto prestígio asseguram à religião que produziu um Santo Antonio de Pádua e um Bossuet. Meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" aí se encontra, a testemunhar quanto venero a ética e a estética da Igreja. Mas — repito-o com a maior lealdade — a mensagem subscrita por Humberto de Campos profundamente me impressionou...".



Carta de Gastão Penalva

Para que melhor se possa compreender a mensagem seguinte, transcrevemos, pedindo vênica, a brilhante página literária publicada em 4 de Outubro de 1939, no prestigioso diário *Jornal do Brasil*, pelo festejado escritor que se pseudonimou — Gastão Penalva:

A Humberto de Campos — (Onde estiver)
Meu irmão.

Passei todo o domingo a reler tua obra de afeto e de melancolia, enquanto o rádio, posto a falar baixinho, anunciava os últimos telegramas da guerra.

Então, verifiquei como tua alma sofreria se ainda estivesse cá por baixo, no nosso convívio amigo, e a tua imensa sensibilidade se havia de ferir nos afiados gumes das surpresas diárias, quando, às primeiras horas da manhã, já se depara o grande mundo sofrendo às voltas com os